

Teste 5

(...) O vedor e alguns seus auxiliares foram dormir debaixo de telha, os mais na forma do costume, enrolados nas mantas, extenuados da grande descida ao centro da terra, espantados de ainda estarem vivos, uns que outros resistindo ao sono, com medo de ser isso a morte. Os mais chegados de amizade a Francisco Marques foram velá-lo, Baltasar, José Pequeno, Manuel Milho, uns tantos daqueles, Brás, Firmino, Isidro, Onofre, Sebastião, Tadeu, e outro de quem não se chegou a falar, Damião. Entravam, olhavam o morto, como é possível morrer homem de tão violenta morte e tão sereno estar, mais do que se dormisse, sem pesadelos nem apoquentações, depois murmuravam uma oração, aquela mulher ali é que é a viúva, não sabemos que nome tem, nem adiantaria nada à história ir lá perguntar-lhe, se alguma coisa adiantou escrever Damião, só por escrever. Amanhã, antes de nascer o sol, recomeçará a pedra a sua viagem, em Cheleiros ficou um homem para enterrar, fica também a carne de dois bois para comer. Não se nota a falta deles. O carro vai ladeira acima, tão devagar como tem vindo, se Deus houvesse piedade dos homens teria feito um mundo rasinho como a palma da mão, levariam as pedras menos tempo a chegar. Esta já vai no seu quinto dia, agora por melhor caminho, quando estiver vencida a encosta, mas sempre em desassossego de espírito, que do corpo não vale a pena falar, doem todos os músculos dos homens, mas quem se queixa, se para isto mesmo lhes foram dados. A boiada não argumenta nem se lastima, apenas se nega, faz que puxa e não puxa, o remédio é deixá-los descansar um migalho, chegar-lhes ao focinho um manípulo de palha, daí a pouco estão como se folgassem desde ontem, ondulam as garupas alceiras pelo caminho fora, é um gostovê-los. Enquanto não aparece outra descida, outra subida. Então agrupam-se as hostes, repartem-se os esforços, tantos para aqui, tantos para além, puxem, lá, Eeeeeiii-ô, berra a voz, taratatá-tá, sopra a corneta, verdadeiramente isto é um campo de batalha, nem lhe faltam os seus mortos e os seus feridos, não sendo todos da mesma qualidade, como diríamos, quatro cabeças, que é boa maneira de contar.

José Saramago, Memorial do Convento, Editorial Caminho

Após a leitura do texto, responda às questões com clareza e concisão.

1. Situe o excerto na estrutura interna da obra.
2. Divida o texto em partes e resuma o conteúdo de cada uma delas.
3. Mostre que o esforço dos trabalhadores está presente, através da caracterização geográfico-física do percurso e do ritmo da movimentação dos bois.
4. Identifique as figuras de estilo presentes nas afirmações «Enquanto não

aparece outra descida, outra subida» (l. 18), «isto é um campo de batalha» (l. 20).

4.1 Refira o seu valor expressivo.

5. Classifique o narrador quanto à presença e à ciência. Justifique a resposta, exemplificando.

II

1. Transcreva do texto expressões de carácter popular, justificando a sua intencionalidade.

2. Classifique morfologicamente os vocábulos «Êeeeeiii-ô» (l.19), «taratatatá-tá» (l.19), esclarecendo o seu uso.

3. Considerando a coerência textual, identifique o recurso utilizado na expressão «verdadeiramente isto é um campo de batalha» (l.20).

III

«Com a morte de Sete-Sóis fecham-se as páginas desta outra face da História povoada de gente oprimida (...) fecha-se, também, um ciclo de sonhos quiméricos (...), mas logo um outro é deixado em aberto.»

Ana Paula Arnaut, Memorial do Convento, história, ficção e ideologia, Fora do Texto

Elabore uma dissertação, desenvolvendo o trecho transcrito. Fundamente as afirmações com exemplos concretos à obra Memorial do Convento.

Proposta de correcção

I

1. *Este excerto integra-se na acção principal (construção do Convento), inserindo-se na viagem da grande pedra levada de Pêro Pinheiro para Mafra, para ser colocada sobre o pórtico da igreja.*

2. *O texto pode dividir-se em duas partes. A primeira parte é constituída pelo primeiro parágrafo – à noite, em Cheleiros, os trabalhadores, exaustos, tentam dormir, alguns*

fazem o velório ao malogrado Francisco Marques. Todos se preparam para o dia seguinte.

A segunda parte corresponde ao último parágrafo – sacrifício, esforço dos homens e dos animais no quinto dia do transporte da grande pedra.

3. *São várias as referências ao percurso, íngreme e sinuoso: «grande descida», «ladeira acima», «a encosta», «outra descida, outra subida». O esforço humano é evidenciado, revelando a árdua tarefa dos trabalhadores que lutam contra os obstáculos da Natureza: «extenuados da grande descida ao centro da terra, espantados de ainda estarem vivos», «sempre em desassossego de espírito, que do corpo não vale a pena falar, doem todos os músculos dos homens», «agrupam-se as hostes, repartem-se os esforços, tantos para aqui, tantos para além, puxem, lá». O ritmo lento da movimentação dos animais, alternando com progressão e pausa, valorizando ainda mais o esforço heróico dos trabalhadores anónimos: «O carro vai ladeira acima, tão devagar como tem vindo», «boiada não argumenta nem se lastima, apenas se nega, faz que puxa e não puxa, o remédio é deixá-los descansar um migalho, chegar-lhes ao focinho um manípulo de palha, daí a pouco estão como se folgassem desde ontem, ondulam as garupas alceiras pelo caminho fora».*

4. *«Enquanto não aparece outra descida, outra subida» – antítese; «isto é um campo de batalha» – metáfora.*

4.1 *A antítese descreve o caminho acidentado que os trabalhadores e os bois tinham de percorrer de Cheleiros rumo a Mafra; a metáfora caracteriza a dificuldade da viagem e as consequências trágicas da batalha entre os homens e a Natureza.*

5. *O narrador é heterodiegético. O autor empírico/narrador irónico não participa na acção apesar da utilização do sujeito na primeira pessoa do plural. Exs. «não sabemos que nome tem», «como diríamos». O narrador é omnisciente, conhecendo da acção: os acontecimentos passados «em Cheleiros ficou um homem para enterrar, fica também a carne de dois bois para comer» e futuros «Amanhã, antes de nascer o sol, recomeçará a pedra a sua viagem»; das personagens: os pensamentos e sentimentos mais recônditos «espantados de ainda estarem vivos, uns que outros resistindo ao sono, com medo de ser isso a morte».*

II

1. «faz que puxa e não puxa, o remédio é deixá-los descansar um migalho, chegar-lhes ao focinho um manípulo de palha». As expressões populares estão de acordo com o modo de falar dos trabalhadores que pertenciam a um estrato social baixo.

2. «Êeeeeiii-ô» – interjeição, «taratatá-tá» – onomatopeia. A interjeição e a onomatopeia conferem à narrativa realismo e verosimilhança. Estes vocábulos remetem para as ordens a que homens e animais obedecem, numa coordenação de movimentos sintonizados, para enfrentarem com êxito um novo obstáculo natural – uma subida.

3. O recurso é a catáfora. O pronome «isto» antecipa o seu referente – «um campo de batalha».

III

Respeitar a estrutura da tipologia textual solicitada.

Tópicos a desenvolver:

- Caracterização de Baltasar Mateus – herói (personagem colectiva – representante do povo anónimo, explorado, oprimido – valorização da personagem povo na narrativa da História não oficial; personagem ficcional – sonhador, «construtor» de sonhos, da passarola)
- Interpretação simbólica da morte de Baltasar – ciclo fechado? (pessimismo do fim do romance?) / ciclo aberto? (optimismo – recolha da vontade de Sete-Sóis por Blimunda?)